



## UNIVERSIDADE E EPISTEMOLOGIA MODERNO/COLONIAL

Luiz Fernando Rankel<sup>1</sup>

**Eixo Raça, racialização e racismo:** Epistemologias e pensamentos decoloniais.

**Palavras-chave:** universidade; modernidade; colonialidade.

### INTRODUÇÃO

Em tempos de mídias sociais e acirramento político-ideológico, o debate sobre a educação no Brasil tomou uma nova dinâmica como extensão do debate político. Entre aqueles que acusam a educação superior como ideológica e doutrinadora e os que lutam por um aprofundamento da democratização do acesso à educação. Trata-se de uma relação complexa em que o campo da Educação Superior apresenta uma “pluralidade de atores e grupos de atores” que envolve instituições com características distintas (SOUSA, 2021). Esta complexidade que se apresenta às análises do campo da Educação Superior não deve prescindir de uma abordagem epistemológica do campo, que aqui se reveste da crítica decolonial, como será desenvolvido na sequência.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Schwartzman (2014), as universidades europeias se desenvolveram em meio a um movimento amplo de transformações do período renascentista, que inclui a expansão comercial e urbana, aperfeiçoamento e inovações tecnológicas militares, a descoberta do novo mundo e a revolução científica. Para além, a universidade é um modelo de instituição moderna e ocidental. Encarna a narrativa moderna, no sentido que Magalhães (2006) coloca ao termo, ou seja, existe uma fundação narrativa da modernidade homogeneizante do tempo e da história europeus.

Mesmo quando se pensa o desenvolvimento da universidade em solo europeu, e, por conseguinte na América Latina e no Brasil, devemos atentar, nesta perspectiva, para a narrativa moderna a que alude Magalhães, e que não teria tido o impacto e a dimensão que alcançou sem o processo de colonização do território que veio a se chamar, por força justamente de uma narrativa que se fundava, América Latina. Mignolo (2006) explica que no momento do colonialismo estabeleceu-se um padrão epistêmico que negou qualquer forma de racionalidade a outras formas de conhecimento<sup>2</sup>. As expressões fundamentais deste padrão foram a teologia num primeiro momento e na sequência – de forma adicional e não substitutiva – a filosofia

<sup>1</sup> Doutorando em Desenvolvimento Regional pela UTFPR; IFPR *Campus* Palmas; luiz.rankel@ifpr.edu.br

<sup>2</sup> Seja a epistemologia árabe, chinesa ou ameríndia.



(principalmente a chamada filosofia natural) e a ciências modernas. O que pareceu ser uma ruptura paradigmática foi, na verdade, uma mudança dentro do mesmo paradigma<sup>3</sup>. “A colonialidade abre uma porta analítica e crítica que revela o lado obscuro da modernidade e o facto de nunca ter havido, nem poder haver, modernidade sem colonialidade” (MIGNOLO, 2006, p. 670).

A modernidade deve ser entendida como uma narrativa inexorável, a direção que todos os povos devem seguir, seja para serem civilizados, desenvolvidos ou liberal-democráticos. A universidade, nesse sentido, é uma instituição moderna/colonial, pensada e instituída para ser o local da teologia, da ciência, da filosofia, e das outras expressões do padrão epistêmico aludido acima.

O autor discute ainda o paradigma científico que se tornou hegemônico na modernidade na passagem de um modelo teológico a um modelo científico, para argumentar que mesmo que se reconheça fraturas entre fé e razão, teologia e ciência, são fraturas que se desenvolvem ao longo dos séculos XVI e XVII dentro de um mesmo paradigma eurocentrado e devem ser entendidas como uma dupla ruptura epistemológica. Utiliza o termo subparadigmática, sob um outro viés, uma ruptura cronológica, com a criação da linearidade histórica que liga aquilo que passou a ser chamado de antiguidade clássica ao renascimento, intermediada por uma nova designação, a Idade Média; e outra espacial, na rejeição epistêmica colonial, ou seja, na negação do estatuto de racionalidade às outras lógicas e histórias não europeias, “enquanto na história da Europa paradigmas anteriores eram ‘superados’, na história mundial os paradigmas diferenciais eram negados” (MIGNOLO, 2006, p. 675).

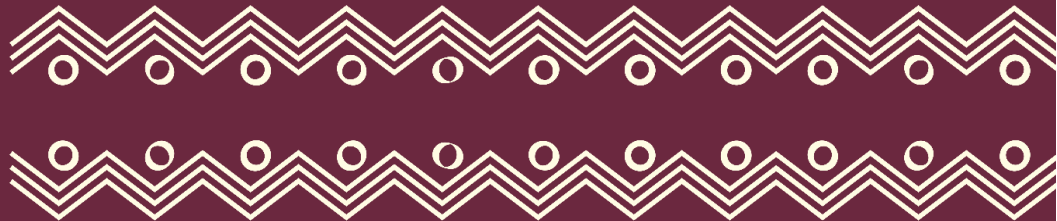
Este processo e essa forma de interpretação é o que este autor chama de diferença colonial: “tratou-se”, diz Mignolo em relação à descontinuidade epistêmica colonial, “de uma ruptura epistemológica propriamente dita, mas transformada em diferença colonial através da rejeição de outras formas de conhecimento” (MIGNOLO, 2006, p. 674). Sendo assim, a análise de Walter Mignolo na qual aparece a ideia de diferença colonial reveste-se de grande importância, pois demonstra como se constituiu um imaginário específico a partir da formação do sistema mundial colonial/moderno, e como, através da colonialidade este imaginário, se manteve e mantém hegemônico no século XXI.

## RESULTADOS

O texto aqui apresentado refere-se a uma parte da discussão teórico-metodológica de doutoramento denominada *Colonialidade e decolonialidade na universidade: experiências que enfrentam o racismo institucional e epistêmico*, que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em

---

<sup>3</sup> A representação deste paradigma é a modernidade, e em nome dela a opressão epistêmica, seja no período colonial ou pós-colonial, enquanto colonialidade. E aí se situa a grande questão, pois, segundo Mignolo (2006), não se trata de negar a revolução científica, mas sim de entender como ela foi concebida, ou seja, como um triunfo da modernidade (europeia, portanto regional) que negou ao resto da humanidade (mundial, portanto universal) a capacidade de pensar.



Desenvolvimento Regional da UTFPR<sup>4</sup> de Pato Branco. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que se encontra na primeira fase, de caráter exploratório, buscando aprofundamento do arcabouço teórico-metodológico, bem como do campo empírico.

## REFERÊNCIAS

MAGALHÃES; A. M. **A Identidade do Ensino Superior**: a Educação Superior e a Universidade. Revista Lusófona de Educação, Portugal. v. 7 n. 7; 2006; pp. 13-40.

MIGNOLO, W. Os esplendores e as misérias da ciência: Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistémica. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

SCHWARTZMAN, S. A educação superior e os desafios do século XXI: uma introdução. Em: SCHWARTZMAN, Simon (org). **A educação superior na América Latina e os desafios do século XXI**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

SOUZA, J. V. de. História da educação superior. Em: Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES [recurso eletrônico] / Marília Morosini (organizadora). – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021, p. 25-207.

---

<sup>4</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná.